

2. n. 13

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Editor—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2000 por trimestre, na
typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 13.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 20 DE ABRIL DE 1873.

Poesia.

Na competente secção deparar-se-ha aos leitores uma linda Ode, produção mimosa do nosso talentoso patricio e amigo, o Sr. José Eduardo Teixeira de Souza, que, á custa de muito sacrificio e á força de muita perseverança, achá-se actualmente na corte, cursando nas escolas de phisicaharia e medicina; e cujo nome não ha de ser desconhecido á mór parte dos nossos leitores, parisso que a mais lisongeira nomeada tem sempre precedido aos seus sérios e aproveitados estudos.

Temos a mais robusta esperança no talento do jovem poeta: convencidos estamos que fará parte dessa cruzada que se prepara ingente e nobre a assignalar uma nova época de glorias ao nosso abençoado torrão.

Um bom livro.

Acaba de sahir do prelo desta typographia o livro *Selecta nacional*, do Revmo. padre Raymundo Aves da Fonseca. É uma obra de incontestavel merecimento; tomaria o governo uma acertadissima medida, si mandasse adoptal-a nas escolas publicas da provincia.

Apresenta as biographias de diversos maranhenses illustres, sabidas—umas da penna de Sotero dos Reis, outras da do Revmo. conego Santos Lemos; das quaes transcrevemos, para melhorrecommendar o livro, a que se nos deparar ao abril-o.

FELICIANO ANTONIO FALCÃO.

Nasceu Feliciano Antonio Falcão, no quartel do Campo de Ourique, da cidade de S. Luiz do Maranhão, á 31 de maio de 1810, tendo por paes legitimos o brigadeiro Manoel Antonio Falcão e D. Maria do Carmo Monteiro.

Dedicado desde os mais tenros annos á carreira das armas, assentou praça de cadete a 26 de outubro de 1813; foi promovido a alferes á 4 de julho de 1820; á tenente a 12 de outubro de 1823; á capitão a 3 de maio de 1825.

Por tão rapidos accessos, charos meninos,

estas vendo que este illustre maranhense era um verdadeiro genio militar, que somente por servigos relevantes subia á postos superiores.

De 1825 a 1839, no posto de capitão, commandou a *guarnição* de Caxias, o 11º corpo de *artilharia de posição*; o 13º de *caçadores*; a 1ª companhia de *municípios permanentes*; o corpo de *pólvora* (organizado por elle); as *forças contra os Balaios*; a *brigada pacificadora*, sendo promovido á major, após tantos servigos valiosos, á 9 de outubro de 1839.

De 1840 á 1841 commandou o *acampamento* da Vargem Grande; a *coluna em operações*, as *forças pacificadoras* da provincia do Maranhão; e exerceu o cargo de *Perfeito de Polícia* da capital, sendo promovido á tenente-coronel á 28 de julho de 1842.

Deste anno a 1843 commandou o 7º de *caçadores*; a *guarnição* de Caxias; o 3º de *fuzileiros*, que exerceu até ser promovido a brigadeiro á 3 de março de 1852.

Nas provincias—de seu nascimento, de Pernambuco para onde foi transferido, e Parahiba, prestou relevantissimos servigos á paz e á ordem publica, commandando corpos, subjulgando rebeldes, e defendendo a integridade nacional.

O soldado brasileiro (diz o seu biographo) ainda não tivera tempo para encostar a arma e descansar um pouco das fadigas de uma guerra interna, já as nossas relações com o governo de Buenos-Ayres, complicadas pela aleivosa conducta do dictador Rosas, escurriam o horizonte politico dos dois povos, e lhe preparavam novas fadigas e sacrificios. O governo imperial, querendo prevenir uma invasão ao Sul do Imperio, formou uma liga com as republicas limitrophes á este ponto contra tão turbulento e importuno vizinho, para batel-o dentro do seu proprio dominio.

Bem depressa o pavilhão do Imperio trementou do terreno do Prata, e se abriu para nossas armas um novo campo de gloria. Cazerus com suas torres arrochondadas, com seus baluartes inexpugnaveis, guarnecido e defendido por numerosos esquadrões, campeando no meio de extensa esplanada, como um gigante medonho, mostrava aos nossos guerreiros o perigo da lucta, e a difficuldade do triumpho, o que mais realçaria a gloria dos vencedores. Era mister pois que a decidida coragem e bravura dos brasileiros desvanecesse o desor de suas armas em dias me-nos felizes no solo Oriental e lhes rehabilitassem o credito; e Cazerus cahiu vencido com toda a sua força e robustez. Extenuado em

um conflicto recrescente e vigoroso, o gigante abatido, curvou o cõllo, e o dia da sua queda marcou na historia do Paiz uma época de gloria para nossas armas, um episodio brilhante nos factos da Nação.

Alli, ao sol do combate luzia a espada do nosso illustre comprovietano, commandando a *segunda brigada da divizão brasileira*. Valente e denodado na refrega; dando maior latitude á grandeza do seu nome, e reduplicando o lustre das açções passadas por novos feitos de valor, avançava impavido para o triumpho por entro as metralhas do inimigo!

Avança 3º!... repolia elle ao batalhão que levava do Maranhão, percorrendo as filas! Avança 3º!... Estava desejoso de o ver sobresahir na açção!

Os servigos, que prestou nesta campanha, o elevaram ao posto de brigadeiro. Regressando a corte, foi nomeado *director do arsenal de guerra* e *membro do conselho d'administração* para fornecimento do dito arsenal.

Foi logo depois removido para *commandante das armas* da provincia de Pernambuco, cargo que exerceo até o dia de sua morte, 19 de junho de 1853. Veio ter o tumulo no lugar onde lhe coube adquirir grande parte de sua gloria!

Atocado de uma forte congestão cerebral, a morte enfiou-lhe a vida, pondo termo a uma existencia matizada de gloria; mas seus nobres feitos perduram na memoria dos seus compatriotas!

O governo imperial, em reemmemoração aos eminentes meritos e assignalados servigos deste eminente cidadão distinguiu-o, conferindo-lhe as commendas de S. Bento de Aviz, da ordem da Rosa, dignatario da imperial ordem do Cruzeiro, e as medalhas de distincção ortorgadas aos bravos que pelejaram na campanha do Prata!

NOTICIAS DA PACOTILHA.

Disse o Sr. Eloy, o heróe, na sua ultima chronica, que ha duas cousas difficeis neste mundo, que são—tocar clarineta e fallar allemão; mas o *bolas* esqueceu-se de que *fazer chronicas* não lhe fica atraz; é uma sciencia que não é dada á qualquer *l-h-e-llh*, como muito bem disse o *chronista do Lyrio*, que é um jornal que destinou-se á estudos de litteratura contem-

1. 4. 73

poranea, cuja appareição teve lugar no dia 1.º de abril. E como nunca mais tivesse eu o prazer de vê-lo, creio que foi mesmo uma peça de 1.º de abril semelhante appareição.

Pois o *Lyrio* promettia, oh! si promettia! Que estylo! que escolha de artigos! que poesias!

Vão aqui á pello fallar da judiciosa e sensata, (mais que sensata) opinião do campeão recém-nascido e recém-morto, achar-me eu na triste coalisção de um chronista, que vio escoar-se na ampulheta do tempo uma semana fria, frigidissima.

— Houve uma reforma na companhia Ferro-carris com a entrada para a gerencia da mesma, do Sr. commendador Rinaldo Carlos Montôro.

Já podem embarcar nos *bonds* pessoas calçadas com *qualquer especie de calçado*, o que, a fallar a verdade, não poude ainda ser muito bem comprehendido por mim. Até hoje tenho visto nos *bonds* sapatos, botas e chinellos de couro de boi, bezerro, cordavão, lã, lona, etc!

Até o Culin pagarão 300 rs. as pessoas descalças: os leitores que quizerem economisar 900 rs. descalçam-se ao embarcar.

A carga até esse ponto pagará 100 rs. por arroba. Agora pergunto eu: Onde é que se pesa essa carga?

Haverá d'hoje em diante balanças dentro dos *bonds*? *Tollitur questio.*

A companhia, que tão aristocraticamente encotou os seus serviços, negando passagem nos seus carros áquelles, cujos pés não estivessem encadernados em algum couro, desce pouco e pouco de sua fofa dignidade, e acusa-se moribunda e de testamento feito.

Exultae, ethiopas; filios das costas da Africa, exultae!

Lavadeiras do caminho Grando, já podeis, vós e as vossas trouxas, tomar assento nos carros da Ferro-Carris!

Captivos, já vos pouparam o trabalho de enjorcardes os pés disformes nas botas velhas dos vossos senhores.

— Pediram-nos a publicação do seguinte:

Protesto.

Illm. Sr. redactor do *Domingo*.—Feri-do no recondito mais intimo dos meos parenticos melindres, venho reclamar em nome da lei e ao mesmo tempo protestar pelo inqualificavel abuso que se tem feito em seu conceituado jornal do meu humilde nome, relativamente á minha assignatura individual, sendo reconhecido pelo codigo criminal um dos maiores crimes

da nossa actual actualidade. Reconheço perfeitamente que este crime não poderia nascer senão dessa sociedade de suinos e maltrapilhos, verdadeiros antipodas de Epaminondas escandecido, na optica da malicia, que no paiz não tem beira nem eira! Ao mesmo tempo achando-se corrompidas nas suas santas instituições governantes e regedoras! desde já declino em chamar a barra do tribunal competente semelhantes biltres. Estou convencido que V. S. foi illudido em sua boa fé por esses esportalhões, que apparecem na situação presente.

Mas desde já sirva-lhe este meu humilde protesto de governo. Sei perfeitamente que estas metaphoras, epiculios e allegorias symbolicas têm sido feitas não somente com o intuitivo fim de arredar o meu nome da arena litteraria; acho neste gracejo muita maldade... Mas publica e abertamente lhes dedaro que as suas satiras impregnadas de agros e acerbos epigramas jamais me demoverão do meu fim! o de concorrer com minhas modestas, mas legitimas produções para que a nossa autonomia litterario-poetico e profanico seja na paiz uma realidade, não-grado dos doestos desses abutres litterarios que querem devorar as mais sãs esperanças do paiz.

Concluindo, citarei a V. S. (para exemplo) aquella immortal apostrophe com que Elmano Baragge fulminou os seus contemporaneos no ardor do mais rutilante e abrasador entusiasmo:

«Zeilos tremel! posteridade és minha!!!»

De V. S. cr.º obr.º

João Jorge

—A redacção do *Domingo* recebeu da Bahia a *Sentinella da Liberdade*, e do Rio de Janeiro, o *Brasil*, jornaes politicos, a cujas redacções muito agradece e retribue
O Domingos.

Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset).

(Continuado de n. 13.)

V

O cavalheiro resolvera-se á partir sem despedir-se de sua esposa. Elle evitava toda e qualquer explicação; alem d'isso, como tencionava voltar em pouco tempo, julgou mais prudente deixar unicamente uma carta. Não era inteiramente verdade que seus negocios o chamassem á Hollanda; entretanto esta viagem podia-lhe ser vantajosa. Um de seus amigos escreveo-lhe para Chardonneux, afim de apressar-lhe a partida; era um pretexto combinado. Elle tomou ares de quem era obrigado á

partir de improviso, montou preparar a bagagem á toda pressa, eviou-a á cidade, montou a cavallo e partio.

Uma involuntaria hesitação, um inexprimivel pesar o retiverão quando franqueava os humbraes de sua porta. Elle temeu ter obedecido muito rapidamente a um sentimento que podia dominar; que ia fazer derramar á sua mulher lagrimas inuteis, e não achar talvez algures o repouso que tirava á sua casa.

—Mas, quem sabe, pensou elle, si, ao contrario, eu não dou um passo acertado? Quem sabe si o pesar passageiro que poder causar minha ausencia, não revertirá em dias felizes? Fui ferido de uma desgraça, cuja causa só Deus conhece; affasto-me por alguns dias do lugar de meus soffrimentos. A mudança, a viagem, a fadiga mesmo, acalmarão talvez minha dôr: eu vou occupar-me de cousas materiaes, importantes, necessarias; voltarei com o coração mais tranquillo, mais contente; terei reflectido o saberei melhor o que me cumpre fazer. Entretanto, Camilla vai soffrer, pensava elle no fundo de sua alma.—Porem, uma vez adoptado aquelle partido, elle seguiu viagem.

M^{me} d'Arcis deixou o baile as onze horas. Subiu para o carro com sua filha, que logo adormeceu-lhe sobre os joelhos. Bem que ainda ignorasse ter o cavalheiro executado tão de prompto seu projecto de viagem, ella não soffria menos por ter saído sósinha de casa de seus vizinhos. O que aos olhos do vulgo nada mais é que uma falta de consideração, torna-se uma dor sensível quando se suspeita o motivo. O cavalheiro não podera supportar o espectáculo publico de sua desgraça.

A mãe patenteou aquella infelicidade para vencer-lhe a opinião, procurando provar que estava de seu lado a razão. Ella facilmente perdoaria á seu marido um movimento de tristeza e de máo humor; é preciso porém pensar, qua, na provincia, deixar assim mulher e filha, é cousa quasi inaudita; e, em tal caso, a menor bagatella, apenas uma capa que se procura, quando quem a devia trazer não está presente, causa um mal, que todo o respeito guardado ás conveniencias não poderia atenuar.

Em quanto a carruagem rodava vagarosa por sobre os seixos da estrada publica, M^{me} d'Arcis, contemplando sua filha adormecida, entregava-se aos mais tristes presentimentos. Sustendo Camilla, para que os solavancos a não despertassem, ella passava com essa força que dá a noite á imaginação, na fatalidade, que pare-

cia perseguir-a até na legítima alegria que lhe dára aquelle baile. Uma estranha disposição de espirito a fazia ora descer ao seu proprio passado, ora remontar ao futuro de sua filha.—O que lhe irá acontecer? pensava ella. Meu marido abandoname; se não partir hoje para sempre, faloha amanhã; todos os meus esforços, todos os meus regos só servirão para importunal-o; seu amor morreu, sua piedade subsiste, porém seu pesar é mais forte do que elle, e até do que eu propria.

Minha filha é bella, mas votada á desgraça; que posso eu fazer? o que poderei prover ou impedir? Si me dedico a esta pobre menina, como devo, como o faço, é quasi renunciar a ver meu marido. E elle foge-nos porque lhe inspiramos horror. Si eu tentasse, ao contrario, aproximar-me d'elle, si eu ousasse tentar reviver seu antigo amor, não exigiria talvez que me separasse de minha filha? Não iria elle entregar Camilla á estranhos, para livrar-se do espectáculo que o afflige?

E reflectindo assim, M^{me} d'Arcis beijava Camilla.

—Pobre creança, dizia ella consigo, eu abandonar-te! comprar a custa de teu repouso, de tua vida talvez, a apparencia de uma ventura, que a seu turno fugirá! cessar de ser mãe para ser esposa! Quando semelhante cousa fosse possível, não seria antes melhor morrer que pensar n'ella?

E logo voltava ás suas conjecturas.—O que vai acontecer? se perguntava ella. O que ordenará de nós a Providencia? Deus vela sobre todos, vê-nos como vê aos outros. O que fará de nós? o que será d'esta creança?

(Continúa.)
Augusto Gabriel.

Carta VIII.

MINHA QUERIDA FRANCISCA.

Estimo que estas duas neat traçadas regras te encontrem no goso da mais perfeita saúde e mais o gado.

Cheguei trasantehontem a cidade e mais o Chiquinho, que, logo que acabe a festa de S. Benedicto, onde o hei de levar feito anjinho, entrará para o Seminario, o que o tem assustado deveras; mas—ora adeus!—hade entrar, e si daqui a dois dias não sahir dalli um padre as direitas, não quero me chamar Francisco.

O meu primeiro cuidado, logo que aqui cheguei, foi procurar o compadre Estanislau.

Fui ao hotel: já lá não morava.

Então perguntei ao dono do hotel si sabia para onde elle se havia mudado.

—«Para a rua dos Afogados, respondeu-me elle.

Como, enfim, eu sou do matto e podia muito bem o homem estar a divertir-se á minha custa, fiz a mesma pergunta ao caixeiro, que me disse que *era á rua das Violas*.

Sahi do hotel muito desconfiado e perguntando a Deus si era das Violas ou dos Afogados o nome da rua; fui esbarrar á uma esquina, onde li em letras garrafas: RUA DOS AFOGADOS. Fiquei *banzando* e dirigi-me ao primeiro transeunte.

—Que rua é esta, meu amigo?

—Das Violas.

—Muito obrigado.

E reflecti que fóra victima de uma gaiatada.

Conjecturando entre *violas e afogados*, agarro-me á aba do rodapé de um outro passeiante e faço-lhe esta pergunta á queima roupa:

—«Que rua é esta, patrãozinho?

—«Rua de Gomes de Souza.

E foi-se.

Agora faz tu ideia, Francisquinha, como ficou este teu Chiquinho!

Estava de boca aberta, quando ouvi um *Psicó*. . . alongo a vista, delto as cangalhas, e reconheço na janella de uma casa da *rua dos tres nomes*, o nosso compadre Estanislau.

Antes de complimental-o, perguntei-lhe o que queriam dizer tres nomes n'uma só rua, pelo que devia parecer-lhe muito borpa e ao que elle me respondeu que um desses nomes era dado pela Camara e dous pelo povo.

Arranchei-me com o compadre, e come remedeio a tudo, o que não deves ignorar. . . , fiz esta divisão na rua o tambem nos nomes:

RUA GOMES DE SOUZA.

RUA DOS AFOGADOS.

RUA DAS VIOLAS.

Isto é—a direita é do tal Gomes, que disseram ter sido um homem as *direitas*; a esquerda é das *violas*, porque é com a canbota que se ponteia as ditas, e o centro dos *afogados*, porque é sempre no meio que muita gente se afoga. . .

O compadre está outro; já não é careca, (senão quando está em casa), já não fuma caximbo, já usa calça *estoque*, que é uma moda muito indecente, que o delegado, devia prohibir; mas como não prohibiu, mandei fazer umas para S. Benedicto.

Espero que não leves isso a mal.

Aqui os divertimentos são muitos; mas tambem si o diabo não é tão feio como se pinta, os anjos não são tão bonitos como os fazem. Aqui ha ruas que valem tanto como as nossas, e quando me quero lembrar da minha terra, dou um passeio pela *Curupira*, e parece que a vejo sem tirar nem pôr.

Já trepei nos *bonds*, mulher; e acredita que ninguém melhor do que eu sabe trepar. Uns trepam sem gosto nenhuma, viram de um para outro lado, em risco de cair e ficar de canja; eu não; agarro na couda, trepo e n'um instante estou dentro.

E' mais difficil trepar e entrar nos fechados do que nos abertos: os fechados são uma saleta e os abertos são tres e quaes as plateias do theatro.

A te fallar em theatro: no mesmo dia em que cheguei fui ao *vieho*, e, palavrinha que não desgostei daquillo, não. A vista do panno de boca é tal e qual a *Ta-pera*. Havia lá um sujeito que tocava clarineta e um menino ruivo que tem parte com o canhoto e faz cobras e lagartos; fiquei mesmo admirado quando vi o pequeno suspenso no ar só por um pé, sem ter azas, ao contrario do que canta o Chiquinho no tom do *Carica*, quando diz:

Tua azas mas não anda. . .

Tenho passado mal de comida por cá; a carne é pessima, o peixe é miúdo, a farinha é cara, a cachaça tem agua e até o rapim é secco.

Si tu aqui estivesse muito havias de estranhar, acostumada aos arcs saídos do campo onde se gosa saúde e se engorda, como engordastes, que nem o novillo malhadinho te passa; beuzate Deus.

Com mais vagar hei de te contar muitas coisinhas, que te hão de levar agua ao bico. Por agora só te recomendo que não te esqueças de tratar da eriação e da roça; *tem cuidado com os vizinhos*, e sonha sempre com quem é, ha dezoito annos,

Teu marido

Francisco.

Não perguntes.

Porque nos labios meos tanta tristeza, Abate a minha fronte descorada?

Porque descreste a vida que delinha?
Porque tenhas minha alma regelada?

Porque sozinha, e triste, calo as queixas,
Do muito que meu peito tem soffrido?
Anjo pallido das minhas agonias,
Eu sou o viajar sem luz, perdido.

Porque?... oh! rasga as folhas do teu peito,
E si dentro existir um coração,
Um instante, mulher, reflecte bem,
E de mim saberás qual a razão.

Elmano Rivarola.

Surrexit.

(ODE)

Où j'ai vuais cette croyance que
mon peuple, après les labeurs de la
mort, allait déployer ses ailes et s'é-
lever le glorieux du miracle pour les la-
beurs de la vie.

Sélimon Krawinkel.

Eu vejo!... será sonho? eu vejo! espanto! asombros!
abrir-se um compartimento e resurgir das tumbas
os Lazares-mortos!!

Baixa-se enfim o véo das tumbas antigas!
Ellos surgem, lanceado, após, de sob as frentes,
como o divino-morto, na canga impotentes.

E argumenta-se nas visões! As almas que o reclamam
ouvindo-lhes a voz, seus corpos se apresentam,
como o guerreiro à postas!

Milagre! espanto! asombros! Os Coraes dispostos
não mais são, crença, a placido das mães,
turbulhas acorando o ferro dos apótes.

Os povos todos a um, ligados, confundidos,
parecem formar já um oceanio numoso,
por sobre o qual se avista

o espirito de Deus ufano da conquista!
O Alpes se une ao Jura! os Andes nos Pirineus!
lembrando a bouda antiga, o mytho dos Anteus!

D'um lado e d'outro, luz nos alas esculpturas!
além se abala o mar, boijando os horisontes,
espumo, fulgurante!

por toda parte luz! luz nova e radiante!
O mundo livre assim dos laços infernaes
se dá à liberdade em pratas espumosas.

E no fito o olhar almeja e veja então se agitando,
da liberdade à voz, palvantes descerra,
o geio das Espanhas!

De Cadix à Madrid, das valles ás montanhas;
E' ella, é ella! disse, és tu, pallida amante!
noira do Cid! és tu! Emilia!... avante! avante!

E' a noira do Cid! ella
que sôta as asas e vôa!
luzca nos céos uma estrella,
sorri de nuncas revôa,
e atravessa a immensidade,
semelhante à tempestade
nos bombros do furacão!
Resplende um sol nos espagos!
E' o porvir que em seus pagos
alcega lhe estende a mão!

Ella toda lá offegante
perdida do resto as cores,
mostrando no olhar flamejante
vestígios de longas dôres.
Prorompe toda harmonia,
e o anjo—democracia—
a vira de feucos cingir!
Agora por entre os lyrios,
de sua c'ra de mystérios,
ha mais um symbolo a fulgir.

Eh! é! enfim na promettida
São de todas as poros!
E é lá co' a voz melada,
e com mil accents sacros,
que a liberdade lha ha dado,
em presente de testado,
o doce ayto da paz!
O céo sorri à tua gloria,
tubo Espanha, e ha victoria
um novo exemplo nos traz!

Quando lha pões pelo mundo
tu te arrastava mendica,
em tua um vaso proliado
no ver... ah! não sei se diga,
uma lante tou... fillo, Espanha,
affronte-te, dar-te a sanha
d'Angustias e pyramas!!!
Mas ten gesto moniculado
contra de indignado
nas prupras dos Pirineos!

E eu pergunto! é historix.
E esse a nacio-cantina,
que seneca toda a florin
e agora sceptica destino?
é possível d'aver a caso
de apudarse um dia, sacro,
a grandexa a pequenez?
E esse a povo gigante,
que estende o applande, acante,
os plinos da Genez?
Maldito, pois, sejam todos!
mas ah! tanta, fôra impossivel!
Desperta, estirpe de godos;
vem tu, Pelago inexcusavel;
sacode as cunco das campos,
larca de braxos, que os pampas
do novo mundo juncou;
soldados de Saragosa;
lanceos de setembro, a vossa
Espanha resuscitou!

Para além das serradas
espelnde a luz redemptora!
Castellar como Isatis,
ou a palavra atrozadora
profeta ao despotismo,
sua hora de paroxismo;
faz vel-a no mundo e bendiz!
Estremece a minha tropa,
que inda ten atada a Europa
as cores da cretixa.

E' a reforma, o dizito,
que requer a humanidade;
o evangelio preteito
democracia, apudidade,
E chama a isto demencia,
a boca vil da impudencia!
Raga d'haçpis coras,
foca à luz que te adiosa,
alma tua, mas não lueca,
cravar-nos as teus puchas.

Al! como est' hora é solemne!
como é sublime este dia!
cabe co' o passado o infreno
aberto da tyranma!
Sobre as quebedas cadeira
se ergue um trophon ás idéas,
que Deus seneca a sorrir.
E' a luz de revoleira
da Espanha antiga, e a primeira
da luecia do porvir!

Foi longo e disputado o teu litigio,
o patria do Cervantes, mais foi puro!
o sangue não manchoa teu bonet phrygião.
Nas secretis d'esse drama!
entre o povo e o poder foi tua a palma!
O século te aclama!

Eu sempre guardei a alma a esperança
de vê-te, após as brevas, luminosa,
torrindo-te ao passado como a França!
Teu gladio é rayo agora!
é rayo, mas do acção e de trabalho
na tenda que se arvora!

Bem vindos, pois, os céos desse litado!
som—viva a liberdade!—avante! avante!
Que importa que o cynismo fulbulado,
te chame do—menino—?
Tu viciares no tempo! hoje e depois,
nos seus de minha lyria!

Rio de Janeiro, 1874

J. E. Teixeira de Souza.

Teus olhos.

Seus olhos são negros, são bellos, são puros,
Assim é que são.

G. Dias.

Os teus olhos, virgem bella,
Scintillam qual uma estrella
Quando derrama, assomando,
Raios de vivido fulgor—
São quaes astros do Scandar
Que estão no céo rutilando.

Tem da lua a amenidade,
Têm expressões de bondade,
De innocencia e de pureza,
São negros—negros e vivos—
São perfectos attractivos.
Que te dem a Natureza.

D'esses olhos—os olhares
Mitigam agros pezares,
Dão gosas, vida e prazer:
São como a gotta de orvalho
Que agoita a flor que, no galho,
Quer o sol cummarehecer.

Si te opprime um sentimento
Que te magoia um momento,
Ficas bella, a lacrimar...
Teus olhos inda brillantes
Mas que lizes de diamantes
Como fica a fascinar!

Si o favorio tem brandura,
Si o regato tem doçura,
Si são as vergeis amenos—
Tem teus olhos lenidade,
Muito mais suavidade...
São mais bellos, mais serenos.

Si é doce o romper d'aurora,
O crepuse'lo que descora;
Si a Natura tem primor—
Dos teus olhos um volver
Mais que tudo dá prazer,
Mais perfeição, mais amor...

A. Britto.

AVISO.

Avisa-se aos Srs. assignan-
tes que a cobrança será feita
pelas dose pessoas que com-
põem a associação.

Maranhão — Typ do Paiz. imp. M. F. V. Bros.